

Limitações do Professor no Desenvolvimento do Currículo na Graduação em Medicina

Teacher limitations when developing a curriculum in Medicine Graduation

Manoel Otávio da Costa Rocha¹, Enio Roberto Pietra Pedroso¹

RESUMO

Apesar do desenvolvimento e do impacto da tecnologia aplicada à Medicina, permanecem questões humanas a distinguirem a ação médica. Não é possível o exercício da Medicina sem humanismo nem senso humanitário e, portanto, a formação médica tem como princípio norteador as oportunidades curriculares de encontro com a fruição de ideias e como elas levam o espírito humano a agir em busca do bem-estar que todos almejam e merecem com equanimidade, conseqüentemente, com justiça social.

Palavras-chave: Educação Médica; Educação de Graduação em Medicina; Escolas Médicas; Currículo.

ABSTRACT

Despite the development and impact of technology applied to Medicine, there are still humane issues to distinguish medical action. It is not possible Medicine practice without humanism or humanitarian sense and therefore the definition of a medical formation has as principle the curricular opportunities towards the fruition of ideas and how do they take the human spirit to act in search for the welfare that everybody seek and deserve in equanimity, consequently, with social justice.

Key words: Educaton, Medical; Education, Medical, Undergraduate; Schools, Medical; Curriculum.

INTRODUÇÃO

A vida é curta, o conhecimento imenso, a ciência incerta, a justiça falaciosa, a arte infinita. (Hipócrates).

Recebido em: 03/05/2012
Aprovado em: 15/11/2012

Instituição:
Faculdade de Medicina da UFMG
Belo Horizonte, MG – Brasil

Endereço para correspondência:
Enio Roberto Pietra Pedroso
Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG
Av. Prof. Alfredo Balena, 190
Bairro: Santa Efigênia
Belo Horizonte, MG – Brasil
E-mail: ctm@medicina.ufmg.br

A profissão, qualquer que seja, requer instrumentos práticos para saber fazer adequadamente o que se propõe, nos limites para o que se propõe a fazer.

A formação do médico em qualquer nível em que seja proposta (ensino fundamental e médio em preparo para a graduação; graduação; residência médica – especialização; atualização; reciclagem, presencial, à distância; mestrado; doutorado; pós-doutorado; para a vida) requer estabelecer conceitos definidos do que se pretende em seu final, isto é, quais os conhecimentos teóricos e práticos; as habilidades e habilitações psicomotoras e psicossociais; e como promover a sua constante atualização e controle, para que seja sempre terminal em seu propósito e não necessariamente apenas ponte para outro fim.

Na graduação esse sentido tem especial razão, por responsabilizar-se, naturalmente, por introduzir o iniciante na profissão médica, o que implica estabelecer a definição do que se pretende para que seja autorizado o exercício da Medicina. Pressupõe assumir para qual função, qual abrangência, que tipos de referência e contrarreferência, como proceder à sua atualização e reciclagem, quais as correlações multi e interprofissionais, inter e multidisciplinares, como e onde seu ato será exercido e como abordar problemas que envolvem a relação saúde-doença, o indivíduo e a comunidade, a alma e o corpo, o ser humano, a vida, a natureza.

Os desafios não se limitam às conjecturas teóricas, eles precisam ser ultrapassados com a prática em treinamento em serviço, para o adiestramento da assistência; as relações com as pessoas em risco da perda da saúde, da limitação da função, dos desvios da estética, com a morte; o relacionamento humano que permita a ausculta, a confiança, o respeito; em que a ética e a religião e as relações antropológicas e sociais estão envolvidas e realçadas, em busca da construção do médico que percebe o outro com o olhar do outro e consegue sensibilizar o outro para a busca de sua felicidade, com as limitações próprias humanas, sejam elas psíquicas ou sociais. Em todo esse processo é essencial o envolvimento do tutor, do professor, do modelo, do mestre, do educador, que percebe seu próprio limite, estabelece a salvaguarda da profissão e descortina no iniciante as dúvidas e dificuldades naturais e infunde ânimo para enfrentar o desafio do mesmo sem se entender, e consegue buscar a percepção do outro.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. (Guimarães Rosa).

O QUE É MEDICINA

A Medicina (*medeo*: cuidar, *kline*: debruçar) significa inclinar-se sobre o cuidado da pessoa; expressa o esforço humano em debruçar-se sobre o substantivo humano de se entender, em sua inserção familiar e social, em relação às suas apreensões e necessidades, diante de sua natural gama de comportamento da perseverança à magnificência, com o máximo de expressão de seu enlevo em relação aos relacionamentos com as pessoas, com a natureza e com o transcender da realidade aparente. Trata, portanto, das relações com o

cuidado humano consigo, na opção preferencial com os mais necessitados, tarefa que distingue a humanidade em seu senso humanitário e que tem nesta tarefa a Medicina como um dos seus aliados mais significativos. Representa a busca de bem-estar biopsicossocial-cultural-espiritual, e não ausência de doença, e envolve o ser humano na consciência de si, da natureza, da vida e na sua competência em ousar, transgredir e transformar.

A DIMENSÃO DA MEDICINA

A Medicina é mais do que ciência. Utiliza as ciências naturais para o seu exercício, mas nutre-se essencialmente de humanismo e senso humanitário, porque perscruta a multiplicidade humana, sonda a angústia, a felicidade, a mentira, a verdade, a responsabilidade, o descuido, a regularidade, o acaso. Busca a percepção da plenitude humana e entende o que o objetivo e o subjetivo de cada pessoa querem expressar. Procura entender os mecanismos que determinam as anormalidades objetivas e as influências subjetivas de tudo que afeta o ser humano e enfrenta desafios desconhecidos não organizados pela ciência.

Além da objetividade da ciência de “intuição e senso crítico” em ultrapassar o subjetivismo para a validade da morbidade, requer qualidade de vida, estado funcional e entendimento da genética. Por isso mesmo, estabelece ensaio controlado sobre o acaso; relata, computa casuística e compara a multicentricidade dos fatos e fenômenos naturais. Precisa aprender sempre, com base científica, com a aplicação do conhecimento no atendimento ao paciente; na perspectiva das evidências controladas; e compreende a perspectiva que cada pessoa possui para si mesma. Apesar dessas inter-relações, é fato que toda abordagem da Medicina e do médico, apesar da sua complexidade, advém, em mais de 60% das vezes, de descobertas de evidências básicas, sem noção de aplicação às doenças humanas.

Representam marcos nesse sentido o que se obteve em função do conhecimento em tratamento das doenças infecciosas, regulação da pressão arterial sistêmica, imunologia, genética, metabolismo, hormônios, inflamação. E resta muito a saber sobre câncer, Alzheimer, imunidade e psicopatias. “A gente só sabe bem aquilo que não entende” (Guimarães Rosa).

É preciso não deixar que os avanços da Biologia Molecular – estrutural, imunologia e genética – impeçam valorizar a Psicologia, Antropologia e Sociologia sobre a vida humana e sua morbimortalidade.

MEDICINA E CIENTISTA

A ciência requer dos médicos: conhecer-aplicar padrão do pensamento científico, desenvolver mente inquisitiva, projetar experimentos, obter dados, analisar validade e especificidade, questionar e responder no limite da precisão definida.

Essa função analítica inclui acolher o ser humano; coletar, sintetizar, interpretar os dados da vida humana; reunir sabedoria em julgar o “conhecimento coletivo” para elaborar e executar o cuidado com cada pessoa, na individualidade que nem sempre está explícita em casos controlados. Envolve humildade em perceber erro; discernir omissão, negligência; prazer em aprender, corrigir e aperfeiçoar.

O resultado pode ser reproduzível e generalizado se a abordagem científica é rigorosa, o que não significa ser frio, calculista, impessoal. Avançar a fronteira da Medicina permite: melhorar a saúde, descobrir a cura efetiva, prestar melhor cuidado e reduzir custo.

O conhecimento sinaliza para a aplicação do mesmo princípio para células, tecidos, órgãos, sistemas, corpo e alma, em intercâmbio contínuo com a perspectiva sociocultural-espiritual-humana.

*Ó mar salgado,
Quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu
Mas nele é que espelhou o céu.*
(Fernando Pessoa).

O QUE É SER MÉDICO

O médico é o ser humano que assume o debruçar sobre o cuidado, sobre o acolher, cuidar do outro como tarefa de sua própria vida.

A organização formal da sociedade em busca da formação do médico implica vários pressupostos que buscam orientar como tratar da função de promover saúde, atenuar doença, aliviar desconforto, assistir incapacidade, evitar morte prematura, promover bem-estar.

Seus recursos são os mesmos da relação humana apropriada para a aproximação de pessoas, em que o exame clínico aproxima o médico do paciente e sua família, e permite a síntese e o julgamento sobre o que altera a relação saúde-doença, prepara a terapêutica e estabelece como exercer influência infinita em busca do bem-estar que todos procuram.

Apenas o diagnóstico não melhora a saúde; é preciso entender a exposição e o desnudamento da pessoa ao médico, objetivo e subjetivo, mais complexo ainda do ponto de vista subjetivo, que permite cumplicidade e conspiração em busca de vida melhor, respeitosa, digna. Representa a confiança e a solidariedade do médico ao seu paciente desde o momento em que o paciente nasce, experimenta-se, ajuíza a sua experiência, entende a existência, vive a sabedoria do juízo, busca o bem-estar na própria essência, conscientiza-se da própria morte, transcende a matéria.

Ser médico é, portanto, tarefa que envolve ciência e arte, experiência e ânimo, retidão de caráter, trabalho e força das palavras; fazer, inclusive, o doente sentir a doença com paz.

DIMENSÃO DO MÉDICO E DE SUA MEDICINA

O diagnóstico e a terapêutica, isto é, a abordagem médica, até agora foram realizados, na maioria das vezes, com base no empirismo, na experiência pessoal e popular e se basearam em alguns aforismos, como: “o que é comum é comuníssimo e raro raríssimo”; “o médico não pode ser ingênuo”; “o médico não pode machucar alguém”; “o remédio do médico não pode machucar mais do que a doença, se assim for não há remédio e remediado está”; “na Medicina, como no amor, nem sempre, nem nunca”; “não existem doenças, mas doentes”. Esse sentido de avaliar a prática médica revela o quanto a observação pessoal, com o senso crítico de cada um, constituía a máxima da Medicina. O objetivo diante dessa perspectiva constituía-se em contribuir, assessorar, estimular, conviver para que todos pudessem ter vida digna, solidária, de bem-estar (felicidade).

A medicina moderna foi construída em função da contribuição da: análise criteriosa dos postulados de Koch, que se baseia na observação da doença em humanos, a sua correlação com a sua ocorrência em animais de experimentação e sua associação ou extrapolação em relação à observação humana anterior; valorização da epidemiologia clínica; análise

de óbitos e sua avaliação macro e microscópica de como a doença foi capaz de provocar a morte; relação e entendimento da hemodinâmica com a perfusão de órgãos e sistemas, e a função de órgãos preferencialmente perfundidos; integração entre órgãos e sistemas por intermédio da própria hemodinâmica, como também de hormônios, do sistema nervoso, de sinalizadores para células, e a caracterização da inflamação; descrição da ação de agentes biológicos, físicos e químicos como responsáveis pelo adoecimento; gerontologia; ecologia; compreensão sobre o comportamento humano como responsável por muitos dos processos do adoecimento; melhor compreensão sobre receptores neurológicos, a reverberação de transmissões sinápticas e os fatores de crescimento de neurônios, fenômenos que têm permitido abordagem até então pouco conhecida sobre os estímulos cerebrais e as conexões entre recepção e efetuação de estímulo. A qualidade total aplicada à Medicina impulsionou o entendimento do processo de trabalho e sua influência sobre a recuperação de pacientes e controle de sua doença, no limite do tempo de ação de efeitos deletérios de processo patológico sobre a ordem anatômica e a função correspondente à perda anatomofuncional. Os estudos multicêntricos; a análise de múltiplas casuísticas; e os testes comparativos entre propostas clínicas, propedêuticas e terapêuticas fizeram a Medicina avançar exponencialmente no último século.

O conhecimento em Medicina evolui hoje de forma que um fato ou fenômeno novo é apresentado em cada 48 horas! A publicação em Medicina atinge mais de 400.000 trabalhos por ano! Como se comportar para contribuir para que o paciente se sinta personalizado e não uma engrenagem nesse sistema?

É preciso tratar a doença e o doente. O paciente precisa sentir-se bem por ir à consulta. A melhora geral é importante, como também é a específica. O sucesso terapêutico depende não só da doença resolvida, mas da relação entre o médico e seu paciente-família-comunidade. É preciso sensibilidade, atenção e cumplicidade para conspirar com o paciente, e não só explicar resultado, probabilidade, efeitos adversos, custo. O equilíbrio que o senso comum de tudo permite pode ser a resposta para que a interferência necessária da ciência não incorra em transformação da ação médica em mesmo processo que se verifica em uma linha de montagem de uma fábrica. É preciso combinar ciência e arte, objetividade e subjetividade.

O QUE É SAÚDE

A conceituação de saúde constitui-se em grande complexidade porque envolve necessariamente questões de relevo pessoal inseridas nas relações socioculturais e espirituais. Pode ser relevante questão para alguém e não ser para outro; e a capacidade de conviver com o limite possui variabilidade tamanha que não é raro que alguns doentes se sintam melhor do que algumas pessoas aparentemente saudáveis. Qual é o limite? As mesmas questões apresentam-se com dinamicidade intensa, constituindo-se em momentos diversos, conceituações diferentes, desafios diferentes, capacidade de mudanças e enfrentamento pessoal variáveis.

As enfermidades tendem a ocorrer em situações de excessiva exigência pessoal ou quando alguma necessidade pessoal está insatisfatoriamente resolvida. Por isso mesmo é que está implícita a busca pelo bem-estar biopsicossocial-cultural-espiritual que todos merecem! E não ausência de doença. Envolve em sua essência o entendimento do ser humano em sua consciência, em sua inserção na natureza, na grandiosidade da vida e na sua competência em ousar, transgredir e transformar, em busca desse bem-estar. A Medicina e o médico estão integral e intensamente envolvidos nessa tarefa ao mesmo tempo instigante, complexa, sensível, desafiadora, repleta de motivações em sua obtenção. Assim se expressa a perspectiva de saúde como bem a ser perseguido e conquistado e as pessoas têm no médico seu aliado incondicional.

O QUE É ESCOLA MÉDICA

A escola médica é o local onde todo o processo que envolve médico e Medicina se encontra. Caracteriza-se pela formação, especialização, atualização, reciclagem, aprimoramento, ebulição de conhecimentos, livre pensamento, criação de oportunidades de encontro com o controverso, avaliação e aplicação de novos processos técnicos e tecnológicos contínua e plenamente discutidos, desenvolvidos, aplicados, com balizamento ético e sensível com a natureza humana e humanitária. É onde a visão do paciente não possui limites de: órgãos-sistemas, corpo-alma e indivíduo-coletivo e se permite ultrapassar conhecimentos e técnicas, ampliar relacionamento, perceber a pessoa e o valor que dá à sua vida. Nela se atinge o limite da ciência, quando o médico atua na vanguarda da sua arte do cuidado e da acolhida à pessoa.

Nada pode ser feito em função da doença, é feito pelo doente, como: consolo, acolhimento da família, equilíbrio emocional, interesse, conhecimento da natureza humana, equanimidade, competência técnica, entendimento do que marginaliza e subjuga o homem, na participação nas lutas justas e necessárias por sua solução, interesse e bem-estar do paciente acima dos próprios, na ética e no reconhecimento de que a morte existe e é digna. É onde o transcender a capacidade técnica, o conhecimento científico constituem-se em tarefa comum, em compaixão, interesse pela pessoa e pela vida. A dignidade e compreensão permeiam o pensar, ensinar, aprender e ouvir; a distinção do que é ou não supérfluo precisa ser continuamente considerado; entender o limite pessoal e o da ciência; e o pedido de socorro aos colegas como natural e responsivo com sensibilidade e humildade; e a seleção das regras mais adequadas para as decisões mais corretas, em que é possível fazer o correto para si e para paciente, familiares e comunidade, mesmo sem resolver suas questões essenciais de vida!

SITUAÇÃO DA MEDICINA E DOS PROFESSORES MÉDICOS

A Medicina deixou de ser exercida, desde o último século, com base no empirismo, na experiência pessoal e na convicção, nutrida essencialmente pela arte de contemplar o ser humano, na tentativa de entender os humores responsáveis pela saúde e doença. Evoluiu para a visão científica baseada na observação das evidências, sob rigoroso controle dos dados, em que a demonstração de sua reprodutibilidade e de suas associações e controle decorria de avaliações de ensaios controlados, como a revelação e sustentação da verdade. O conhecimento avançou em velocidade extraordinária, sendo necessária para seu entendimento a divisão do corpo e da alma, do corpo em partes e em partes cada vez menores, o que resultou em visão de técnicas, de especialidades, de doenças, de abordagens. A formação geral foi, por isso mesmo, pulverizada de forma a se desdobrar em infinitas especialidades, em decorrência natural da fragmentação do conhecimento. Essa característica conduziu o comportamento humano para a visão particularizada do todo, o que coincidiu com a tendência à solidão e ao individualismo da sociedade, instalando-se com plenitude a era da informação. Esta tornou explícita e

valorizada a realidade virtual, o modelo, o molde, o manequim substituindo a presença humana; e a busca desenfreada pelo acúmulo de patrimônio, ganância, consumo, valorização estética, busca da eternidade e juventude, celebração do individualismo, que determinam o bem-estar da sociedade contemporânea. Tudo isso adornado por políticas públicas insuficientes e até inadequadas em relação a: saúde, educação e seguridade social, que seguem o pressuposto do mercado capitalista, regido pela concorrência, clientelismo, subemprego e tecnologia aplicada de forma a substituir a observação e conversação. Nenhuma dessas opções significou melhor assistência. Inclusive, é capaz de despersonalizar a relação médico-paciente, sendo o médico, em muitas circunstâncias, usado como minimizador da tensão social.

Toda essa situação que oprime e avilta determinou malabarismos para a sobrevivência, multiplicidade de empregos, produtividade, plantões extenuantes, mais escolas médicas para inundar de médicos e conciliar mais procura por empregos e menos valia sobre o trabalho.

A situação da educação em Medicina não segue rumo diverso, em comparação à prática médica. Exige como avaliação de excelência profissional debruçar sobre a doença ou sua parte como mecanismo de progressão profissional e obtenção dos valores exaltados pela sociedade moderna. A formação presencial como modelo de aferição foi substituída pelo ensino à distância; o entendimento das entrelinhas do conhecimento substituído pelo ensino formal de regras, modelos, guias. Empurra o docente para a bancada da experimentação clínica, epidemiológica, laboratorial e terapêutica e o retira da missão de influenciar jovens, que passam a perceber qual é o real valor que a academia reconhece em sua função.

O mérito, a hierarquia, o humanismo e o sentido humanitário da vida humana são considerados ingênuos diante da técnica, tecnologia, impessoalidade, referência de mercado e de competência.

COMO FORMAR O MÉDICO

Não é tarefa fácil cumprir a missão de formar médico, que inclui fundamentalmente estabelecer salvaguardas para quem terá como tarefa receber confiança, intimidade, autorização para atingir o aparente indevassável espírito humano de outrem sem ter conseguido entrar no próprio e sem aproveitar para si, em

todos os sentidos, a boa fé do outro; perceber o limite da ciência sem ter chegado a ele; usar com equilíbrio e harmonia as maravilhas da tecnologia que são informadas como salvadoras de todos os males, sob a influência sem tréguas de que são sempre de muito benefício; ser influenciado continuamente de que o que é válido nessa contemporaneidade são valores que decorrem do patrimônio, beleza, juventude, troca de valores, sem se influenciar a ponto de impedir a importância da percepção da singularidade de cada pessoa como o conjunto da maravilha humana; e favorecer a equanimidade sem as referências desses valores ou beneficiar os que mais precisam.

É preciso entender o valor da vida, da graça de estar vivo, da imensa influência sobre a saúde dos bens sociais como liberdade de expressão, educação, trabalho digno, seguridade social, moradia, respeito e dignidade para as dessemelhanças.

Alia-se a isso a inexistência de recursos para tarefa tão expressiva que requer ambiente adequado e que significa campo de trabalho e treinamento com modelos corretos, referências humanas e processo de trabalho, em ebulição contínua do pensamento crítico e criativo.

É preciso considerar que a formação médica é incumbência fundamental da escola médica, com os princípios que determinam a essência da Medicina. Esta é a base em que se assenta o comportamento médico, portanto, requer o autoconhecimento como busca contínua de se entender como pessoa, em conhecer o próprio limite. Isso requer entender a influência da Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ética e Filosofia. A Biologia, como outro instrumento básico em que se assenta a Medicina, exige seu desmembramento em Ecologia, Anatomia, Microbiologia, Parasitologia, Imunologia, Bioquímica, Farmacologia, Patologia, Bioética.

Os eixos fundamentais da Medicina são, entretanto, constituídos pelo conhecimento de como o corpo e a alma se expressam; no comportamento humano; na epidemiologia dos riscos humanos; na expansão dos sentidos humanos para perceber como ocorrem as respostas aos processos inflamatórios, degenerativos, infecciosos, metabólicos; na lógica e raciocínio para entender como as respostas às agressões são realizadas, em como entender os seus alertas objetivos e subjetivos; e perceber como o processo de trabalho influencia a sua abordagem; tudo isso conduzido pela compaixão, respeito, disponibilidade para ajudar, humildade para entender o limite, reconhecimento do erro sem omissão nem negligência.

É preciso mergulhar no treinamento e treinar muito, ser exposto a muitas experiências reais, junto com pessoas, muitas pessoas, e utilizar toda expressão humana como forma desse entendimento como a literatura, a religião, a música, a escultura, a pintura, o teatro, o cinema, como formas de se experimentar em várias situações em que a emoção flui e supera a lógica e a razão, em perceber como as pessoas reconhecem a essência humana e traçam o seu destino.

A escola médica é, portanto, receptiva à percepção de cada singularidade humana e a expressa em toda a sua ordem de tornar tudo norma, guia, regra, modelo.

É preciso saber que o médico nem sempre diagnostica ou trata, mas sempre alivia o impacto da enfermidade, ajuda a pessoa a se integrar nela mesma, em sua família e comunidade. É crítico e criativo, educador para a saúde, portanto, em compromisso com: inovação, transgressão, transformação, em lugares e experiências que se criam e se espalham, sensível aos esforços da pessoa a se adaptar à perda de sua saúde, à convivência com limitações, à compreensão da infinita grandeza da saúde e da finitude da vida.

As limitações do professor são os caminhos para que o educador se torne o guia para o iluminismo da compreensão do espírito humano em sua infinita percepção da vida e da natureza.

QUAIS SÃO AS NECESSIDADES FUNDAMENTAIS DO EDUCADOR EM MEDICINA

O que se espera do educador em medicina? Assim como o médico não pode usar a boa-fé do paciente, sua família e comunidade para seu proveito pessoal, também não pode usar da boa fé de alunos e pacientes para seu proveito pessoal. É preciso retidão de caráter, apesar de todas as dificuldades pessoais diante da própria crise, das dificuldades de entender na sua própria angústia, sofrimento, dor, solidão, agonia, mal-estar, desespero diante da realidade, as oportunidades de reflexão sobre a existência humana e a gama entre a perversidade e a magnificência humana. É preciso incitar a indignação diante das condições precárias a que o ser humano se submete e é submetido e que, apesar do desenvolvimento da tecnologia, está a mostrar que nada substitui o ser humano. É preciso indignar-se com suas condições precárias de trabalho e de valorização para ultrapassar o imobilismo históri-

co e assessorar jovens a obterem pressupostos de humanismo e senso humanitário. É impossível, portanto, o exercício da Medicina sem humanismo e senso humanitário; é impossível o exercício da docência sem humanismo e senso humanitário; e não deve ficar no discurso apenas. É fácil cumprir pré-requisitos assim para definir quem deve ser professor?

O compromisso é cuidar de: pessoa, família, comunidade, ambiente e jovens que devem ser iniciados e compromissados com esses pressupostos. A sensibilidade é a chave dessa questão, só a visão geral, integradora e crítica permite dignidade, o senso do limite, a busca da multiplicidade e a interdisciplinaridade do conhecimento, para embasar a formação de alguém que deve exercer em plenitude princípios de cuidar e acolher pessoas. Representa o respeito à singularidade de cada expressão humana.

É preciso atenção para também cuidar desse profissional, desde suas necessidades psicossociais, estabelecendo pressupostos de contínua formação em que o pensamento flua com liberdade de expressão, desde a sua angústia em busca do aprimoramento para tratar com jovens ávidos para verem modelos de profissionais que imprimam marcas de senso comum, harmonia, equilíbrio, sensibilidade, técnica e tecnologia que beneficiam a vida. É fundamental que sejam vislumbradas variadas gamas para a progressão na carreira, que se incluam a dignidade do salário, o campo de treinamento, a liberdade de expressão, a equanimidade de oportunidades, o estímulo ao autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal, o ambiente acolhedor de possibilidades de encontros com profissionais variados que tenham como princípio a educação libertadora, construtiva, capaz de criar saídas para os desafios que afligem as necessidades de desenvolvimento humano, de cada área

em que se instala a escola médica. É importante também que as diferenças sejam consideradas de formas diferentes, e não enquadradas aprioristicamente de maneiras iguais, isto é, as diferenças devem ser avaliadas de forma diferente. A ampla expressão alia-se à variada comunicação com a sociedade, que sustenta toda a proposta educadora de cada escola.

A carreira desse profissional deve, portanto, ser necessariamente rica em ampla discussão sobre a vida, em sua inter-relação e imprevisibilidade, em marcos conceituais sobre a crítica acerca de tudo e na perspectiva de criar conhecimento contínuo, que aprimore a visão sobre o ser humano, sua sociedade e a natureza, com balizamento ético. O convívio competitivo é naturalmente impulsionador da criação e iniciativa, entretanto, não deve se constituir em único marcador para impor a motivação da carreira. As relações múltiplas com outros educadores de áreas iguais ou diversas, compatriotas ou não, não só em discurso, mas na prática, são primordiais para testar práticas e proposições diversas para situações vivenciadas e oferecer oportunidades de intercâmbios de ideias e ações.

CONCLUSÃO

Apesar do desenvolvimento, do impacto da tecnologia aplicada à Medicina, permanecem questões humanas a distinguirem a ação médica. Não é possível o exercício da Medicina sem humanismo nem senso humanitário e, portanto, a definição da formação médica tem como princípio as oportunidades curriculares de encontro com a fruição de ideias e como elas levam o espírito humano a agir em busca do bem-estar que todos almejam e merecem com equanimidade e, em consequência, com justiça social.